

## EXPERIÊNCIA E SENTIDO NO ENSINO

Rodrigo Braz Carlan\*  
Diego Carlos Zanella\*\*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar e correlacionar os conceitos de sujeito da experiência e a experiência com o ensino, a partir das obras de Jorge Larrosa e Slavoj Zizek. Assim, buscamos problematizar a necessidade de um ensino voltado para a promoção de experiência/sentido no indivíduo, tendo em vista a aridez do complexo sistema capitalista. Esse estudo será realizado através de uma revisão bibliográfica, a fim de identificar os possíveis entrelaçamentos da experiência com a sociedade capitalista e as substanciais diferenças apontadas por ambos os autores no decorrer de suas obras. Esse estudo tem permitido a percepção sobre os atravessamentos que o capitalismo promove, e, a posteriori, os significados e empecilhos para a experiência na sociedade contemporânea. Dessa maneira, apontamos que a experiência conta com marcas subjetivas, causadoras de efeitos e reflexos no âmbito social, tendo em vista que o real também pode ser apontado como causa e efeito de um corte no processo de sentido da sociedade contemporânea, resultando em uma ação que retroalimenta a existência do capitalismo. Enfim, através do estabelecimento da experiência como mecanismo capaz de evitar a captura do sujeito frente aos processos nos quais está inserido, foi possível traçar horizontes teóricos que tangenciam um ensino humanizado para com o atual processo sócio histórico.

**Palavras-chave:** Experiência. Sujeito da experiência. Ensino humanizado. Capitalismo.

### Introdução

No ano de 2011, o professor e filósofo Slavoj Zizek participava do movimento *Occupy Wall Street* em Nova Iorque, onde protestava contra a crise financeira americana e as diretrizes tomadas pelo sistema capitalista global. Em um momento da manifestação, Zizek discursa e profere a seguinte questão, “Não se apaixonem por si mesmos, [...] o verdadeiro teste de seu valor é o que permanece no dia seguinte, ou a maneira como nossa vida normal e cotidiana será modificada” (ZIZEK, 2016).

---

\* Graduado em Psicologia. Aluno Regular do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, no Centro Universitário Franciscano. E-mail: [rodrigocarlan@hotmail.com](mailto:rodrigocarlan@hotmail.com)

\*\* Doutor em Filosofia. Professor do Curso de Filosofia e do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, no Centro Universitário Franciscano. E-mail: [diego.zanella@gmail.com](mailto:diego.zanella@gmail.com)

A partir deste acontecimento, Zizek buscou explicar a necessidade de fomentar novas alternativas para o processo sócio histórico, no qual a sociedade encontra-se submetida, buscando ressaltar sempre, que as propostas desenvolvidas no século XX não servem mais para o século atual. Desse modo, inicialmente é necessário questionarmos os atravessamentos que o capitalismo promove e, sobretudo, pensar o que, de certa forma, muda de posição ou de lugar no momento em que nossa vida normal e cotidiana é modificada por um método de ensino humanizado em meio a esse complexo sistema.

Torna-se importante ressaltar então que, a relação do sujeito com o capitalismo não se diferencia muito da relação entre o leitor e o livro, a leitura, na sua forma única de ser, caracteriza-se como uma típica cena dos filmes de mutantes de Hollywood, na qual depois de uma fusão entre partículas mutantes surge uma criatura diferente daquela que era antes. No entanto, a similaridade entre essas cenas é rompida no momento em que a leitura implica na correlação entre o leitor e o livro, correlação esta que sustenta e possibilita o leitor produzir algo a partir do texto lido, diferentemente do sujeito no capitalismo, que, para Zizek (2012), é aquele que está pronto para arriscar tudo na vida a fim de produzir crescimento, financeiro ou material, correlacionando sua experiência apenas aos resultados obtidos.

Desta maneira, pensar apenas a partir dos resultados obtidos, significa localizar de forma análoga o resultante de um progresso na lógica do capital, ou seja, relacionar o progresso de um país ao aumento exponencial de seu produto interno bruto e, conseqüentemente, promover lapsos com as questões sociais e subjetivas do sujeito, pluralizando-o e desumanizando-o. Sendo assim, fomentar espaços para a “humanização” na sociedade contemporânea é essencial, tendo em vista que a humanização é um mecanismo capaz de evitar a captura do sujeito frente aos processos sócios históricos (NUSSBAUM, 2015).

Portanto, Larrosa (2016) e Nussbaum (2015) apontam a necessidade da construção de novos caminhos para estas relações, especialmente a criação de novas políticas de ensino para o processo atual, que não estejam esvaziadas, impronunciáveis, ou, tampouco, dessubjetivadas. Sobretudo, a necessidade de uma política transpassada de sentido, capaz de enunciar singularmente o singular, sem limites e sem poder, mas que possibilite uma conversação.

Assim, é importante pensar a respeito de um ensino voltado à promoção de experiência, uma vez que esta acontece somente na capacidade adquirida das relações com o mundo, com a linguagem, com os outros, com a singularidade, com o que o indivíduo

pronuncia ou deixa de pronunciar, os caminhos que percorre ou deixa de percorrer. Sobretudo, é um lugar, um local, na obscuridade do processo capitalista, que promove que as intenções particulares do indivíduo estejam implicadas com a vida na sua total vitalidade (LARROSA, 2016).

A metodologia utilizada neste trabalho foi a de uma revisão bibliográfica que consiste em uma pesquisa desenvolvida a partir de um material já existente, ou seja, obras literárias que proporcionam conhecimentos para os sujeitos através de livros de leitura corrente. A vantagem desse tipo de pesquisa é poder investigar diversos fenômenos acerca da temática estabelecida (GIL, 2008).

Desta forma, este trabalho torna-se relevante devido à consonância e pertinência de uma metáfora zizekiana na atualidade, como o uso do termo escocês *tartle* que, de acordo com o filósofo esloveno, caracteriza o instante em que um orador esquece brevemente o nome de alguém: “Sorry, I tartled there for a moment”, Desculpe tive um lapso por um instante!” (ZIZEK, 2015, p. 245). Será então, que produzimos lapsos nas últimas décadas, esquecendo que o ensino provedor de experiências pode atuar como um mecanismo na luta emancipatória do sujeito? Assim, é importante lembrar-se desta palavra para que seja justificável promovermos novas ideias para o ensino. Tendo em vista que, centrar a promoção de experiência por meio de um ensino humanizado, aponta uma proposição única e universal, a de um indivíduo singularizado e capaz de promover sentido em meio ao perverso sistema capitalista.

## 1 Revisão Teórica

Nas proximidades do museu infantil de Seul, capital e maior metrópole da República da Coreia do Sul, encontra-se uma estátua que, para uma parcela das pessoas, pode denunciar uma cena peculiar e obscena. À primeira vista, a estátua apresenta a seguinte forma: quatro garotos, curvados e com as cabeças nas nádegas daquele que se encontra à sua frente; em pé, na frente desses quatro garotos, há um garoto com a genitália pressionada pela cabeça do primeiro garoto encurvado. Ao questionar o “significado” dessa estátua, Slavoj Zizek produz uma interpretação de que essa representa o *malttukbakgi*, um jogo praticado por crianças coreanas até o ensino médio (ZIZEK, 2015).

Figura 1 – Representação do *malttukbakgi*



Fonte: (ZIZEK, 2015, p.244)

O jogo consiste na formação de dois times (times A e B), onde inicialmente, o time A posiciona-se com um de seus integrantes colocado em pé e encostado em uma parede e, os outros integrantes, posicionam-se com as cabeças entre as nádegas ou genitálias de outros garotos, formando um grande cavalo. A finalidade do jogo se constitui no ato do time B pular sobre o time A buscando promover a queda do time adversário. Assim, Zizek (2015) comenta que a estátua é uma importante e singela metáfora que, de forma alusiva, expõe a condição dos indivíduos frente o capitalismo.

Nossa visão é restrita ao que podemos ver com a cabeça enterrada na bunda de alguém bem na nossa frente, e nossa ideia de quem é nosso Mestre é o sujeito na frente cujo pênis e/ou saco do primeiro da fila parece estar lambendo – mas o verdadeiro Mestre, invisível para nós, é o que pula livremente sobre nossas costas, o movimento autônomo do capital (ZIZEK, 2015, p. 245).

Assim sendo, ao considerarmos importantes as ações do sistema capitalista, cabe investigarmos se essas possuem papel substancial na constituição da experiência na sociedade contemporânea. De acordo com Zizek (2015), esse sistema econômico e sócio histórico promove uma “zumbificação” do sujeito, além de que, possibilita de forma reativa uma negação da promoção de sentido na sociedade.

Este processo de “zumbificação” do sujeito é, então, consequência direta de um suposto esvaziamento do homem de sua humanidade e sentido, no qual o indivíduo encontra-se sempre centrado no acúmulo e na conquista de capital, negligenciando, deste modo, as relações de sentido e a presença de um outro. Situação esta representada em filmes do cinema americano, nos quais são retratadas pessoas que, aparentemente, encontram-se vivas e mortas ao mesmo tempo, desprovidas de humanidade e sentido (ZIZEK, 2015).

Entretanto, o indivíduo capturado pelo processo sócio histórico, não percebe que assinala problemas, pedindo soluções, não percebe sua condição, tampouco compreende seu lugar no mundo. Desta forma, promover questionamentos em relação a uma filosofia do ensino voltada para a promoção de experiência reverbera, além do que, estabelece que as prisões da totalidade racional necessitam ser rompidas, como as operações de categorização e as ordenações que constituem as lógicas dos saberes e práticas, que impossibilitam acontecimentos, e tampouco, promovem surpresas ou experiências.

Assim, explorar a experiência a partir de uma filosofia do ensino, segundo Larrosa (2002) é, inicialmente, pensar no ensino pela práxis da ciência e da técnica, ou seja, aquilo que se aprende somado ao resultado ou, como a forma que se chega (eficácia ou não eficácia), também é elaborar ideias partindo do pressuposto da teoria e da prática, onde um conhecimento especulativo dotado de normativas desloca uma passagem para o exercício. Dessa forma, a ciência/técnica refere-se a uma visão pragmática, ou seja, a teoria/prática provoca uma ruptura de paradigmas criando lacunas no ponto de vista político/crítico.

Neste sentido, Larrosa (2016) aponta que, apenas a partir desta ótica política/crítica podemos pensar a respeito do uso da palavra “reflexão”. Cabe aqui destacar que o uso da expressão “reflexão” pelo autor, está livre da ação de refletir (espelhar), e sim preenchida, pelo ato de repercutir, causar ecos como um possível panorama para uma experiência/sentido. Para o autor, o campo pedagógico é dividido entre os técnicos e os críticos, os embrutecedores e os emancipadores, a ciência e a política, os darwinistas e os freirianos. Contudo, não devemos negar a importância da ciência/técnica e suas contribuições para a prática, ou tampouco descartar o significativo valor do pensamento político/crítico no campo pedagógico. Larrosa propõe para mais além.

A fim de pensar na relação experiência/sentido, como sugere Larrosa, é necessário, primeiramente, pensar a respeito do “poder” das palavras. Segundo o autor, o fato que nos diferencia dos animais é a palavra, assim, as palavras são um potente mecanismo de subjetivação, “Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco” (LARROSA, 2016, p. 21).

Deste modo, é essencial pensar nas hipóteses a respeito da palavra “experiência”, já que Larrosa aborda esta palavra de formas distintas. Primeiramente, o autor expõe a dessemelhança entre experiência e informação, na qual a informação opõe-se à experiência. Assim, através do fácil acesso à informação que, representa um marco na sociedade atual, podemos utilizar qualquer um dos inúmeros recursos de pesquisa online e assim, afirmar que

sabemos mais coisas que anteriormente não sabíamos, entretanto, podemos também dizer que nada nos acrescentou, ou tocou. Em seus estudos a respeito de Walter Benjamin, o autor enfatiza que “o sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais preocupa é não ter bastante informação, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber [...] o que consegue é que nada lhe aconteça” (LARROSA, 2016, p. 19).

Em segundo lugar, ocorre a inexistência da experiência na opinião. Podemos afirmar que, nesta utilização de algum recurso de pesquisa online, o sujeito supostamente informado construiu uma opinião, aparentemente pessoal, própria e possivelmente crítica. Segundo Larrosa (2016), passamos nossa vida opinando sobre qualquer coisa de forma imperativa ou presunçosa. Entretanto, o fácil acesso à informação nos causa uma grande e importante ambivalência assim, se não ocupamos um lugar de opinião não somos sujeitos atuantes, críticos e dotados de um dito “saber”. Por outro lado, caso tenhamos uma postura crítica, com opiniões formadas, somos sujeitos fabricados e manipulados pela informação.

Em terceiro lugar, cabe ressaltar o tempo. Podemos dizer que, ao utilizar algum recurso de pesquisa online, o sujeito rapidamente, talvez em fragmentos de segundos, tenha acesso à alguma informação. Logo, nesta frenética e constante aceleração da conquista de um suposto “saber”, o que acontece é que, talvez, nada venha a lhe acontecer significativamente, nada o toque. A experiência nada tem a ver com o tempo, portanto, há uma cisão entre experiência e tempo onde, o sujeito propriamente dito, tem seu tempo com ou sem experiência. Por consequência, a experiência nada tem a ver com o trabalho (LARROSA, 2016).

Desta forma, trabalho e experiência são objetos distintos, e, conseqüentemente, a experiência está cada vez mais rara devido ao excesso de trabalho. Em 2002, o movimento operário da China protestou contra as condições de trabalho no país, condições estas explicadas por Zizek: “os chineses pagam um alto preço para se tornar rapidamente o principal centro de manufatura do mundo” (ZIZEK, 2003, p. 169). É importante ressaltar que, toda esta mobilização para alcançar tal posição reafirmou que o excesso de trabalho é, de fato, inimigo da experiência. A experiência, conforme Larrosa, acontece através de um gesto de interrupção, onde é preciso parar para pensar, olhar, escutar, sentir e, por vezes, parar de trabalhar (LARROSA, 2016).

Desse modo, Larrosa afirma que a experiência nada mais é que a experiência do sujeito, um deslocamento (que promova algo) na interrupção do acelerado mundo

globalizado, um freio na constante enxurrada de informação e conhecimento, um *stop* no excesso do trabalho, de opinião. O sujeito da experiência consiste naquilo que acontece, que o afeta de alguma maneira, causa alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns sinais e alguns efeitos (LARROSA, 2002).

Tanto para Larrosa quanto para Zizek, o termo experiência passa por um deslocamento, entretanto, apenas no ponto de vista de Larrosa (2009) esse deslocamento é possível. O autor, ao se referir à Nietzsche, comenta que este deslocamento é um hiato, onde ocorre a promoção da independência e da criatividade, então, de acordo com a versão nietzschiana, o “tornar-se o que se é” está relacionado a um processo singular de formação e construção da individualidade.

Segundo Zizek (2013), o marco central do processo capitalista é o cerceamento do sujeito frente ao capital e, em decorrência disso, esse processo se torna interminável por definição, pois seu elementar objetivo é a reprodução do próprio processo. De forma retroativa, a violência do capitalismo se manifesta na sabotagem das intenções particulares, onde o repúdio da experiência e os mecanismos sociais subjetivos tornam-se indissociáveis.

Em vista disso, a única solução teórica para os questionamentos que emergem frente ao atual processo sócio histórico, segundo Zizek (2015), necessitam estar referenciados ao comunismo, uma organização onde o comum torna-se também universal e, acima de tudo, ninguém é excluído. Portanto, o horizonte precisa permanecer comunista, e, sobretudo, “um horizonte que não seja um ideal inacessível, mas um espaço de ideias dentro do qual nos movemos” (ZIZEK, 2015, p. 245).

Nesse mesmo viés, Nussbaum (2015) aponta a necessidade de uma política transpassada de humanidades, tendo em vista que, inicialmente o continuum do atual processo, visa à produção de máquinas lucrativas, ou seja, sujeitos esvaziados de sentido, afetos, senso crítico e cidadania. Entretanto, cabe destacar que a tomada de uma posição política para a autora, não é uma proposição de ideal, mas um movimento de uma proposta onde questionamentos discursivos possam atuar frente ao atual modelo sócio-político vigente.

Assim, questionar as atuais políticas de ensino, sobretudo, reverbera e ademais, elucidam uma crise na educação. Apontando, um sistema que visa o lucro, cerceia o sujeito e o aliena. Desta maneira, apontar a necessidade de propostas de ensino bordeadas de experiência sobreleva, posto que, o movimento que retroalimenta a existência deste processo, é a não elaboração de sentido ou falta de sentido, impossibilitando que nessa ação um acontecimento singular apresente o real também em sua singularidade (NUSSBAUM, 2015).

## Conclusão

Concluimos que, para situar a temática da experiência, foi preciso abordar pressupostos da filosofia da educação, a fim de que, fosse possível localizar a experiência em campos distintos, porém interligados. Apontando que, a práxis da ciência e da técnica, da teoria e da prática, da ótica política e crítica e em especial as relações da experiência e sentido situam contextos, nos quais o ser humano está inserido.

Assim, localizar dessemelhanças da experiência com a informação, opinião, tempo e trabalho, indicam que a experiência do sujeito constitui-se em atravessamentos e promoções de hiatos. Sobretudo, esteia-se em marcas subjetivas, sendo essas, causadoras de efeitos e reflexos no e do âmbito social.

Desse modo, o movimento que retroalimenta a existência deste processo, é a não elaboração de sentido ou falta de sentido, impossibilitando que nessa ação um acontecimento singular apresente o real também em sua singularidade. Assim, para encontrar uma experiência na singularidade, é necessário escapar da verdade localizada nos acontecimentos temporais, e promover uma ruptura, que proporcione o sujeito interpretar suas ações e consequentemente produzir um aprofundamento nos estados de sua consciência.

Desse modo, a busca constante a objetos caracteriza o capitalismo, além de que, zumbifica o homem e torna o processo infundável. A inexistência de promoção da experiência aponta a necessidade de criação de novos caminhos para promover sentido, tendo em vista que, os atravessamentos da experiência promovem a emancipação do sujeito e singularizam o singular. Entretanto, a experiência não é antenome de uma solução, nem tão pouco, de um problema, mas uma intersecção, onde, prover sentido e todas suas dimensões, promovam também problemas. Acentuando que as impossibilidades e necessidades de espaços para humanidades, localizam o sujeito em meio a dialéticas com a própria experiência e o próprio processo sócio histórico.

Dessa maneira, a necessidade do futuro permanecer com o horizonte comunista, reverbera, além do que, sobreleva a necessidade e importância de um ensino voltado para as humanidades. Isto é, apontar o termo horizonte, é também negar o emprego de um ensino humanizado como solução. Mas, localizar em uma distância horizontal, uma possibilidade de escolhas, na qual, a partir dessa distância criada o sujeito se movimenta e crie sentido. Pois, com a espessura das palavras de Peter Handke, “A cada frase que passe por tua cabeça,

pergunta-te: esta é realmente minha língua?” (LARROSA, 2016, p. 57), encontramos uma intersecção entre o capitalismo e o sujeito, um horizonte que possibilite a experiência/sentido.

## Referências

LARROSA, J. **Nietzsche & a Educação.**/ Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 3. Ed. – Belo Horizonte : Autentica, 2009.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, 5. Ed.;2. Reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre a experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. -1.ed.;2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. – (Coleção Educação : Experiência e Sentido)

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** Atlas, São Paulo, 2008.

NUSSBAUM, M. **Sem fim lucrativos:** por que a democracia precisa das humanida. Tradução de Fernando Santos. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

ZIZEK, S. **A tinta vermelha:** discurso de Žižek no Occupy Wall Street. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2011/10/11/a-tinta-vermelha-discurso-de-slavoj-zizek-aos-manifestantes-do-movimento-occupy-wall-street/#prettyPhoto>>. Acesso em: 17 maio 2016.

ZIZEK, S. **Bem vindo ao deserto do real.** Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

ZIZEK, S. **Como ler Lacan.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. – Rio De Janeiro: Zahar, 2010.

ZIZEK, S. **Menos que nada:** Hegel e a sombra do materialismo dialético. Tradução de Rogério Bettoni. – São Paulo : Boitempo, 2013.

ZIZEK, S. **Problema no paraíso:** do fim da história ao fim do capitalismo. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. -1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ZIZEK, S. **Vivendo no fim dos tempos.** Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.